

## LIVROS E REVISTAS

AFFONSO URBANO THIESEN, *Lenins Politische Ethik Nach Den Prinzipien Seiner Politischen Doktrin* (A Ética Política de Lenine, segundo os princípios de sua doutrina política). Ed. Anton Pustet, Munich e Salzburgo, 1965, 350 págs.

Após um estudo crítico das cinco obras básicas de LENINE, no original, e uma leitura aprofundada dos documentos referentes a LENINE, isto é, documentos secundários, o autor se encarrega de analisar a doutrina política de LENINE, e a relação dessa doutrina com a ética, assim como pretende estudar a ética comunista de LENINE, e sua relação com a Política.

A obra de THIESEN se subdivide em duas partes: na primeira, estuda os fundamentos da política e da ética de LENINE; na segunda examina sua ética política, para finalmente chegar a uma conclusão crítica daquilo que foi objeto do estudo. Podemos resumi-la nos seguintes termos:

Não existe uma ética política de LENINE, nem tampouco sua política é ética, mas sua ética é política.

Para fim de maiores esclarecimentos, podemos dizer que a política não está forçosamente relacionada com valores éticos, mas que a pouca ética existente na obra de LENINE se refere constantemente a conceitos políticos. Por outro lado, podemos dizer que tanto a sua política como a sua ética, se essa existir segundo o conceito tradicional da ética, derivam da economia, que constitui a infraestrutura da sociedade. Como diz o autor, quando LENINE se refere à ética, esta apresenta como quase único sentido a propaganda e o fim político. O próprio LENINE se exprime da seguinte maneira: "Nossa moral deriva dos interesses da luta de classes do proletariado". Não existe uma moral tradicionalmente válida; ela depende da situação, é condicionada, no caso dos comunistas, pela meta que essa sociedade visa a atingir. E qualquer meio que possibilite a aproximação a essa meta, que é a sociedade sem classes, é um meio justo, é uma medida moralmente válida...

A ética política de LENINE é uma ética situada fora da essência do homem — não lhe interessam os aspectos do ser por si, mas unicamente os aspectos do ser relacio-

nados com a política, com a vida em sociedade.

Não existe liberdade como tal, mas uma das finalidades do comunismo é libertar o homem do jugo do capital, é libertar o homem da alienação. Sua liberdade, como diz o autor, é uma liberdade econômica, que se realizará com a abolição da propriedade privada. Por outro lado, o autor comenta: se a livre vontade é negada ao homem, não destruímos aí um dos pré-requisitos da ética e da moral? Como o homem poderá ser responsável pelo seus atos? LENINE não responde a essas perguntas.

Finalmente, THIESEN observa a falta de objetividade científica de LENINE. Sua ciência não é objetiva, mas partidária, revolucionária. Um dos valores mais significativos de sua doutrina é o partidarismo.

Para terminar, segundo as palavras do Professor WETTER, "o tema dêsse trabalho é de suma importância e de grande interesse, não somente porque, a meu ver, não existe nenhum trabalho que analise esse aspecto, como também (...) o problema da ética assume uma importância cada vez maior no atual marxismo-leninismo em oposição ao marxismo original". — *Frauke Strecker*.

HAROLD R. W. BENJAMIN. *La Educación Superior en las Repúblicas Americanas*. Tradução de F. J. Morales Bclla. McGraw-Hill Book Company, Inc. Ediciones del Castillo S. A. Madrid. 1964. IX — 249 páginas.

O Professor BENJAMIN, Master of Arts (1924) pela Universi-

dade de Oregon e Doutor em Filosofia (1927) pela Universidade de Stanford, vem dedicando sua vida ao magistério, como professor de assuntos de educação e psicologia nas universidades de Stanford, Minnesota, Colorado, e no George Peabody College para professores. Dentre suas obras publicadas figuram *The Cultivation of Idiosyncrasy* e *Under their own Command*.

A presente obra baseia-se num estudo preparado para o Council on Higher Education in the American Republics (CHEAR), com financiamento da Fundação Ford e a colaboração das principais entidades e pessoas vinculadas ao ensino superior nos diversos países estudados.

O autor encara o problema do ensino superior em função do desenvolvimento nacional, caracterizado êste pelo maior ou menor grau de *segurança, produtividade e cultura* alcançado pelo povo. Para se obter certo grau de segurança pessoal, é necessário haver atingido certa medida de produtividade e grau razoável de cultura; determinado nível de produtividade supõe certo grau de segurança pessoal e de cultura; não é possível alcançar determinado nível cultural sem possuir certas liberdades pessoais e certa capacidade de produção.

Cabe às universidades procurar entender do modo mais completo essas interdependências e ao mesmo tempo formar líderes para a elevação dos níveis de segurança, produtividade e cultura do povo. Surge evidentemente o problema, em cada país, da avaliação do estágio de desenvolvimento por êle

alcançado: as instituições de ensino superior estarão provavelmente mais aptas do que qualquer outra entidade para: a) um exame crítico das condições vigentes de segurança, produtividade e cultura do povo; b) idealizar novos meios de progresso nesses setores, e c) levar o povo a conhecer e desejar para si novos níveis de renda.

É nesse contexto que as universidades deverão determinar corretamente sua posição atual e planejar suas atuações futuras, no próprio país e no "amplo universo do saber", de modo a poderem produzir a classe de ensino superior de que o povo necessita a fim de poder utilizá-lo em harmonia com o nível de desenvolvimento do país.

Nessas condições, um estudo comparativo do ensino superior em diversos países transcende o simples confronto de organizações, matrículas, programas, diplomas, métodos de ensino e sistemas de exames: trata-se principalmente de apurar o modo pelo qual as instituições de ensino superior encaram seus objetivos e o dinamismo com que progridem para alcançá-los. O grau de excelência de uma universidade será aferido pelo maior ou menor êxito em atingir as metas previstas no desdobramento dos programas de melhoria das condições de segurança, produtividade e cultura do povo. Qualquer outro critério de avaliação não será válido senão enquanto possa revelar algum aspecto destes indicadores primários da excelência da instituição.

A primeira parte da obra desenvolve os pontos-de-vista do autor sobre o papel do ensino superior

como instrumento de progresso social; também apresenta excelente resumo da história cultural das Américas.

A segunda parte estuda as instituições, pessoas e programas de ensino superior nas repúblicas americanas, para êsse fim agrupadas em cinco regiões: I, Hispano-América meridional; II, países das Caraíbas; III, América Central e México; IV, Brasil; V, Estados Unidos. (O Canadá não aparece no trabalho: provavelmente por não ser, tècnicamente, uma "república americana").

Na terceira e última parte surgem as conclusões do autor sobre a situação atual e as possibilidades futuras do ensino superior nas Américas.

São de evidente interêsse para o leitor brasileiro as apreciações do autor sobre nossas instituições de ensino superior. A êsse respeito, observe-se que o livro foi terminado ainda durante o governo GOULART e antes da vigência da nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Daremos alguns excertos ilustrativos do espírito da obra:

"O problema da universidade não é o do estudante que trabalha e sim o do trabalhador que estuda" (pág. 178).

"O Brasil tem multiplicado suas faculdades de ciências econômicas, sobretudo na última década com velocidade superior à de qualquer outro país do hemisfério; não obstante, as soluções de seus problemas econômicos figura entre as mais atrasadas do mundo. Tais soluções — que consistem na tomada de maciços empréstimo estrangeiros, raramente resgatados,

e na impressão acelerada de papel-moeda em quantidades crescentes — serão as recomendadas pelas faculdades de ciências econômicas das universidades?" (páginas 236-237).

"No Brasil o juridicismo e o formalismo excessivos do sistema de ensino superior chegam a ser inacreditáveis... Numa universidade (o autor se refere aqui à Universidade do Brasil) cuja matrícula total atinge apenas a 9.000 estudantes, o ensino elementar de química, disperso pelas faculdades de engenharia, filosofia, química industrial, farmácia, odontologia e medicina, com cátedras separadas dispondo de material próprio, laboratórios, bibliotecas e equipes autônomas de professores e auxiliares, reveste o caráter irreal de um conto de fadas. Mas o conto de fadas pode resultar na nota patética de continuar o país a necessitar, a intervalos freqüentes, de auxílio externo maciço para resolver suas crises econômicas" (págs. 241-242).

"Todas as repúblicas americanas, sem exceção, tendem a desconhecer que a educação se compra sempre com algo mais do que dinheiro. Há que adquiri-la com visão criadora das necessidades do povo, com eficiência administrativa e competência cultural — para citar apenas três dos elementos principais do preço de compra. Quando êsses três componentes principais existem, o quarto — que é secundário, o dinheiro — é fácil de encontrar. Quando faltam os elementos primários, pode-se gastar rios de dinheiro com o ensino e alcançar apenas maior confusão a respeito das necessidades

educacionais do povo, promover a ineficiência administrativa e aumentar a incapacidade docente" (pág. 235).

"Em muitos países e não obstante a insistência na "autonomia universitária", o controle do Estado sobre o ensino superior é de tal forma estrito que chega a inibir, quando não bloqueia completamente, o desenvolvimento de instituições privadas. Tal situação não raro se complica de modo particular pelo fato de serem muitas universidades particulares patrocinadas por grupos eclesiásticos em países onde existem fortes sentimentos anticlericais nos meios intelectuais" (págs. 240-241).

"Em muitos países começa agora o desenvolvimento das universidades privadas. Sua grande oportunidade reside na extensão horizontal de programas a zonas nitidamente experimentais, para servir às necessidades mais urgentes do povo. Ao descobrirem zonas em que possam iniciar com êxito um trabalho nôvo, têm oportunidade de ampliar verticalmente a investigação, a formação de graduados e a elaboração de programas de serviços à comunidade. O desenvolvimento nos próximos trinta anos de apenas seis ou sete universidades privadas verdadeiramente vigorosas na América Latina, terá um impacto profundo nas instituições estatais de ensino superior" (pág. 240).

E o autor termina com a previsão sobre uma possível idade de ouro para as Américas, através da influência de quatro fatores: o término da era de perturbações, muitas vezes de tipo militar, geralmente de caráter econômico e

sempre com impacto social; o surgimento de novos meios de comunicação ou de novas maneiras de utilizar os velhos meios; o aparecimento de grupos de líderes apaixonados, capazes de vislumbrar as novas dimensões das metas que importa alcançar; e, finalmente, a presença de um profeta capaz de suscitar nesses países a arrancada para melhores dias. Se êsse espírito de liderança não puder ser suscitado através do ensino superior, o Continente americano e o mundo inteiro atravessarão nas próximas décadas nôvo período de obscurantismo; no caso contrário, viverá o mundo a época mais esplêndida de sua história. — *Edgar de Amaranthe*.

DAVID INGRAM. *The Communist Economic Challenge*. George Allen & Unwin Ltd. Londres, 1965, 168 págs.

É interessante notar como a cisão atual no seio do comunismo internacional reflete a mesma "forma" sociológica da que dividiu o socialismo internacional há um século: a maioria socialista repudiava, por volta de 1875, a tese marxista da necessidade das revoluções nacionais, aceitando a social-democrática da "coexistência pacífica" com os partidos conservadores e liberais, na certeza de vencer a batalha política no seio das democracias parlamentares; hoje, desde o período kruschoviano, o comunismo filo-soviético rejeita a tese "ortodoxa" filo-chinesa da inevitabilidade da revolução mundial através das guerra ou guerrilhas revolucionárias, certo de poder bater o regime "capitalista" na

batalha econômica do desenvolvimento.

Êste livro examina justamente se tem ou não fundamento êsse "desafio econômico dos comunistas". Certamente, o sucesso econômico não é o único, nem o supremo critério da validade de uma fórmula político-social; todavia, *ad hominem*, vale a pena aceitar o desafio nos termos propostos, e verificar, por fatos medidos por estatísticas, qual é o melhor sistema, mesmo do ponto-de-vista do aumento da produção e da elevação do nível de vida das massas. Êste livro demonstra que, de fato, não é o comunista.

Centralizando-se sobre o caso soviético, por motivos óbvios, não deixa de considerar o caso das nações comunistas da Europa Central, e o caso chinês.

Os fatos registrados no curso dos últimos anos e meses, nada mais fazem que confirmar as conclusões dêste estudo. Em particular, a queda de KRUSCHOV em outubro de 1964 não parece haver feito cessar aquêle desafio, ou diminuir aquela cisão. Ao contrário... — *Pedro C. Beltrão, S.J.*

A. Z. SERRAND, O.P. *Évolution Technique et Théologies*. Les Éditions du Cerf. Collection "Rencontres". Théologie pour Prométhée. N.º 68. Paris, 1965. 253 págs.

Como consequência das recentes pesquisas tanto na sociologia da religião como na sociologia do desenvolvimento, a problemática das relações entre a religião e o desenvolvimento torna hoje atua-

lidade. A famosa tese de MAX WEBER, em particular, recomeça a interessar os sociólogos e os economistas. A essas tendências veio adicionar-se, nos últimos anos, o interesse dos teólogos pelas "realidades terrestres", e, já no clima do Concílio, pelas relações entre a Igreja e o mundo contemporâneo.

É, portanto, com satisfação, sem dúvida, e até com avidez, que os teólogos e os sociólogos recebem essas pesquisas de, digamos, "teologia do desenvolvimento".

A presente obra, e a coleção a que pertence, são deste gênero, não sendo "Prometeu" senão o nome mitológico desse "homem eviador" que faz a História, e, em particular, essa aceleração vertical da História que é o mundo moderno, saído da revolução técnica.

O autor estabelece, de início, um vasto inventário de oito correntes de pensamento católico sobre o "mundo" ou o "temporal": 1. teologia do "direito divino positivo" (tipo BOSSUET); 2. teologia do "direito divino natural" (tipo LEÃO XIII); 3. teologia da encarnação (tipo "humanismo cristão"); 4. teologia da assunção (tipo TEILHARD DE CHARDIN); 5. teologia da escatologia (tipo PASCAL); 6. teologia do dualismo; 7. teologia da dialética; 8. teologia do paralelismo.

Analisando mais de perto as tendências profundas, revela dois tipos (ideais) de catolicismo: os "prometeísmos cristãos" das quatro primeiras teologias, e os "prometeístas cristãos" das quatro últimas. Seguindo esse fio condutor, examina a seguir as divergências e a coexistência dessas diversas teologias entre si e também com

as ciências anexas: a teologia positiva e a sociologia religiosa.

O livro esquematiza muito, mas o autor consegue, ao que parece, evitar os perigos das simplificações que tal empresa comporta, com grande agilidade de espírito e bom senso das nuances.

Recomenda-se, pois, à atenção quer dos teólogos quer dos sociólogos, em um momento em que o Concílio acaba de recomendar, expressamente, a coexistência dinâmica no seio da Igreja dessas duas especialidades do pensamento contemporâneo. — P. C. B.

M. CÉPÈDE, F. HOUTART, L. GROND. *Nourrir les hommes*. Éditions du C.F.P. Bruxelas, Office Général du Livre, Paris, s.d. (data do *Imprimatur*: 30 de setembro de 1963). 427 págs.

Ao contrário do que sugere o título, a obra não versa apenas a relação entre população e meios de subsistência — o problema propriamente maltusiano —, mas empreende também uma análise da transição demográfica contemporânea, em termos de tendências de mortalidade e de natalidade. É o seu mérito.

Obra coletiva, devida à iniciativa de Monsenhor LUIGI G. LIGUTTI, seria de desejar que precisasse melhor as responsabilidades respectivas dos autores, que vão além das dos três "autores principais" (pág. 4). "Seu objetivo principal é fornecer ao leitor os fatos científicos sobre o assunto" (ib.). Terá atingido esse objetivo? O livro é útil, sem dúvida, para o grande público, mas não evita "exageros, raciocínios falsos e

apresentações equívocas dos fatos". Dizer, por exemplo, que a Ásia é a região "onde o aumento de população é o maior do mundo" (pág. 290), ou que "a população da Índia cresce ao ritmo de 3 milhões por ano" (pág. 341) são erros de fato, que a colaboração de especialistas verdadeiros não deixaria passar. Outrossim, colocar a América Latina "no início do aumento de população", quando, efetivamente, este Continente se encontra no fim da fase de explosão demográfica e no começo de sua desaceleração.

A obra também não evita as imprecisões, e os lugares-comuns pouco controlados cientificamente, como, por exemplo, o famoso "2/3" da população mundial, que estariam "insuficientemente alimentados" (págs. 27, 65, 290, 298, 422), a alusão às "fomes freqüentes" em "numerosos países em vias de desenvolvimento" (pág. 291), conhecimento bastante superficial de MALTHUS (pág. 41) e certa indulgência com a tese fantasista de JOSUÉ DE CASTRO (págs. 93 e 185/93).

Certas afirmações, ou insinuações, parecem trair uma orientação ideológica de tendência socialista, ou mesmo marxista, por parte de algum dos autores; por exemplo, o favorecimento, mesmo que fôsse apenas "topográfico", concedido à doutrina de MARX sobre a população (págs. 64 e 423) e à "solução" cubana (pág. 417). O que seria evidentemente grave em uma obra que se coloca sob a égide de uma organização internacional católica. *Noblesse oblige...*

O livro foi também publicado em inglês. — P. C. B.

G. JACQUEMYS. *Langrand-Dumonceau — Promoteur d'une Puissance Financière Catholique*. 4 vols. Université Libre de Bruxelles. 1960.

ANDRÉ LANGRAND-DUMONCEAU nasceu nas proximidades de Bruxelas, de uma pobre família, com o destino de um bôlido. Saindo da obscuridade, cintilou por breves anos nos salões mais requintados da Europa, para desaparecer definitivamente nas sombras do esquecimento, se G. JACQUEMYS, num paciente trabalho de escavadeira do passado, não tivesse ido lá buscá-lo, para reconstituir a vida de um dos mais fascinantes aventureiros do mundo dos negócios.

A obra se desenvolve em quatro alentados volumes, que anunciam, aliás, um quinto, de remate. No primeiro volume, os anos obscuros e o início da vertiginosa ascensão de um humilde filho do povo, de um meio rural, que levou a indestrutível certeza de ser destinado a grandes coisas. Os volumes 2 e 3 descrevem os numerosos empreendimentos em que esse típico *entrepreneur* schumpeteriano se envolveu, e que tentou organizar numa poderosa estrutura capaz de enfrentar o embate das forças ocultas das grandes potências financeiras internacionais. É a marcha para o apogeu. No quarto volume, a descrição dos anos difíceis denuncia já o declínio e queda final que devem constituir o objeto do próximo volume.

O conteúdo dos volumes se projeta num duplo plano: a vida e as diversas iniciativas de LANGRAND principalmente no setor dos negócios

esquemas securitários que surgiam em meados do século passado; o pano de fundo da evolução econômica e financeira da Europa, e, em especial, dos países atingidos pelo formidável dinamismo de LANGRAND: Bélgica, Áustria, França, Holanda, Alemanha, e Estados Pontifícios.

Sobre esses dois planos, JACQUEMYS acumulou impressionante acervo de documentação, que faz de sua obra um instrumento de consulta indispensável para quem quer que pretenda proceder a um estudo da situação financeira da Europa no período focalizado. É um jato de luz que percorre e esquadrinha os bastidores onde se realizaram os conchavos financeiros que decidiam de grandes episódios políticos da época.

No estudo da vida e do perfil moral do protagonista, a preocupação minuciosa do historiador em reunir o maior número possível de depoimentos prejudica um pouco, o trabalho de síntese. Termina-se a leitura sem se saber o que o historiador pensa definitivamente de seu biografado. Talvez seja uma tarefa que o autor reserve ao quinto volume, ou à perspicácia do leitor. Mas, de fato, não se pode concluir se LANGRAND foi um idealista sincero ou um aventureiro inescrupuloso. É possível que tenha sido as duas coisas, na ambivalência típica de uma época de transição histórica. Alimentado numa tradição ainda profundamente cristã, penetra, pelo êxito fulgurante de suas operações, no mundo escuro dos negócios. De suas raízes cristãs, emerge uma exigência interior de pureza que o traqueio do poder econômico vai pouco a pou-

co desalojando do plano da consciência moral para o plano, mais remoto, dos objetivos idealistas. Já no fim, debatendo-se contra as forças e os azares que o cercam, parece ter aceitado os processos impostos pelo meio, procurando coonestá-los com a esperança da realização de uma grande idéia: conquistar uma posição inexpugnável nas finanças, para poder penetrá-las de espírito cristão.

Situado historicamente no próprio nascedouro da grande expansão econômico-financeira contemporânea, LANGRAND tentou a façanha de criar um capitalismo cristão. Poucas pessoas concentraram, de início, tantas chances de êxito: uma verdadeira genialidade financeira, tendo a seu serviço um potencial inesgotável de trabalho e de charme pessoal, num movimento histórico de arrivismo pioneiro. Seu fracasso será devido, talvez, a meras contingências, ou tem sua causa profunda na própria impossibilidade intrínseca de empreendimento? Será possível criar um mundo das finanças inspirado nos princípios cristãos, criar um capitalismo cristão, sem utilizar os processos capitalistas, isto é, sem deixar de ser cristão? São as grandes interrogações, sobre as quais o quinto volume desta obra notável talvez venha trazer um definitivo esclarecimento. -- F. B. A.

PHILIP M. HAUSER (editor). *The Population Dilema*. Prentice-Hall Inc., 4.<sup>a</sup> edição, Englewood Cliffs, N. J., 1965, 187 págs.

É um livro grave, não só pelo objetivo pelo qual foi preparada

sua primeira edição, de 1963, como pela projeção dos autores dos diversos capítulos que o compõem. Foi redigido e compilado para servir como documento de base para a 23.<sup>a</sup> Assembléia Americana de Arden House, na Universidade de Columbia, que durante os quatro dias do seminário discutiu o texto e elaborou as recomendações apresentadas no fim do trabalho. Não representa êle a posição oficial da Assembléia Americana, mas evidentemente constitui a grande linha de inspiração que orientou as decisões em todos os assuntos que se referiram aos problemas populacionais.

PHILIP M. HAUSER, o editor dos trabalhos, é o autor da introdução, onde formula o dilema fundamental que dá nome à obra: é preciso optar entre continuarmos indiferentes antes as implicações do atual crescimento demográfico e aceitarmos conscientemente as conseqüências de tal indiferença. Por outras palavras: se não quisermos as conseqüências, é mister sacudir já a indiferença. O texto é constituído, a seguir, de sete trabalhos, sobre o crescimento demográfico no mundo, nos países subdesenvolvidos e nos Estados Unidos; sobre o problema crucial da velha tese malthusiana, população e desenvolvimento econômico; sobre as disponibilidades em recursos naturais no mundo, e nos Estados Unidos em particular; sobre o problema do contróle da população; e, enfim, sobre as grandes linhas de uma política demográfica.

Os estudos são confiados a autoridades de renome internacional, bastando citar, entre êles, DUDLEY

KIRK, FRANK W. NOTESTEIN e FRANK LORIMER.

O livro se caracteriza por uma preocupação fundamental de equilíbrio, que lhe dá maior força persuasiva: uma análise tendendo mais para o otimismo sobre as possibilidades em recursos naturais contrabalança o eventual pessimismo de certas extrapolações do crescimento demográfico, nas quais o rigor da previsão constitui a melhor prova de sua inviabilidade concreta.

Pela primeira vez, num estudo de inspiração neomalthusiana, encontramos uma exposição da posição católica relativa ao problema demográfico, que, sendo evidentemente discordante, mostra, entretanto, compreender que não se trata de uma posição ingênua. Conquanto sejam ponderados com isenção científica as vantagens e inconvenientes técnicos dos diversos processos anticoncepcionais, já emerge um elemento novo no panorama neomalthusiano: a insistência sobre a importância do fator educativo, como elemento básico para a solução do problema, o que representa, aliás, uma aproximação inconsciente e involuntária da posição da Igreja.

Não se trata mais, apenas, de superar um impasse à base da eficácia instrumental de determinados métodos, mas se começa a compreender a necessidade de arelar para a responsabilidade pessoal que se transmite pela educação. Começa a ser corrigida a distorsão neomalthusiana de considerar a espécie humana como uma espécie animal qualquer, com a única diferença: enquanto para os bovinos, suínos, etc. se trata de desco-

brir técnicas para aumentar sua fecundidade, para os homens a questão é exatamente a oposta. Com isto, certos valores morais naturais do homem eram reduzidos a meros tipos de comportamento, totalmente relativizados. Queiram ou não os neomaltusianos, jamais encontrarão uma solução humana para esse problema humano, enquanto não se derem conta de que, em última análise, estão em jogo valores morais. Por isto é que nos dá a impressão de certa superficialidade a recusa em aprofundar a alternativa do desenvolvimento como fator de uma redução racional da natalidade.

A posição defendida se resume nestes termos: o desenvolvimento não pode exercer esta função, simplesmente porque, com as atuais taxas de crescimento vegetativo, não pode haver desenvolvimento. Continuamos a insistir em que a mobilização mesmo dos poucos recursos atuais dos países subdesenvolvidos por uma educação maciça da responsabilidade, constitui, por si só, o detonador do processo de desenvolvimento, simultaneamente com uma racionalização consciente da natalidade. Seu efeito multiplicador seria de resto tanto mais eficaz, quanto para ele fossem canalizados os imensos recursos que ainda hoje são aplicados, seja em impedir que nasçam mais homens, seja em produzir armamento para matar os que nasceram, quando fôr o caso. Esta canalização depende de uma opção: as opções são ditadas por valores, e reaparece assim, indeclinável, o problema ético. -- Fernando Bastos de Avila S. J.

IRENE TAVARES DE SÁ, *A Condição da Mulher*, Editora AGR, Rio de Janeiro, 1966, 306 págs.

A autora tem a intuição aguda da especificidade imprescindível da contribuição da mulher para o novo mundo que está em gestação. O homem, o sexo masculino, já fez vários mundos, quero dizer, várias culturas e civilizações. Em todos deixou sua marca: vigor, síntese, generalização, tecnicidade, violência, brutalidade, perda irreparável de imensos valores criados.

Na criação desses mundos faltou uma presença: o senso do detalhe, o senso dos valores humildes e ocultos, o amor ao que foi criado na dor e no sofrimento, o bom gosto, a sensibilidade, a paciência, a dedicação. Faltou a mulher. Ela foi sempre, até agora, a relegada.

Já é tempo de tentar a experiência de engendrar um mundo novo, como Deus ensinou ao homem criar: na dialética do amor. Num mundo que caminha para convergência, o poder de atração da mulher representa uma apreciável força catalizadora. Ela, que sente visceralmente o valor de uma vida, tem uma vocação social inadiável num mundo cuja tarefa primeira é a promoção do homem.

A autora enfatiza essa responsabilidade social da mulher, conhece as limitações dela e as características específicas de sua missão. Não se deixa seduzir pelos mitos de modernas amazonas de jipe e de fuzil, de produtoras que revezam as reprodutoras. Há um plano de desfiguração (I parte), mas há também o plano das transfigurações (II parte), em que, assumida pe-

la Graça, a mulher, com o homem, engendrará um mundo melhor, cujos primeiros albos já foram prefigurados na mulher, cheia de Graça. — *P. B. A.*

PE. BERTRAND DE MARGÉRIE, S.J.,  
*A Igreja em Estado de Diálogo.*  
De Pio XII a Paulo VI. Editô-  
ra "O Lutador". Manhumirim  
(MG), 1965. 415 págs.

"A Igreja peregrinante nunca pára, nem pode parar num imobilismo estático." É justamente este aspecto dinâmico da Igreja, acentuado na primeira sentença deste livro, que o autor se propõe a analisar e desenvolver, dentro do quadro histórico dos últimos três pontificados.

O autor, jesuíta francês radicado no Brasil desde 1958, formado em direito e que no momento termina sua tese de doutorado em Teologia em Roma, dá-nos uma visão muito serena e objetiva do tema que se propõe a desenvolver. Fá-lo, aliás, com competência, atualidade e mesmo com cor local brasileira. A obra é essencialmente teológica, mas faz o autor frequentes incursões no domínio da Filosofia Social, da Sociologia e mesmo da Ciência Política, não de maneira artificial ou extrapolando-se, porém trazendo sempre uma contribuição pertinente ao tema em estudo.

Os trabalhos apresentados no livro já foram objeto de prévia publicação em revistas brasileiras de cultura católica, como *A Ordem*, *Vozes*, *RFB*, *Revista da C.R.B.*, e mesmo de uma revista não-confessional, *Cadernos Brasileiros*. Con-

tudo, a reunião desses trabalhos em livro confere um novo sentido a cada um e uma visão orgânica de conjunto que não passará despercebida ao leitor atento.

De Pio XII a Paulo VI, a problemática da relação Igreja-mundo mudou consideravelmente. É com muita felicidade que o autor conduz o leitor através dessa evolução. Pio XII é apresentado como o *Pastor Doutor*. João XXIII, como o *Doutor Pastoral*, o Pastor que acabou — quase sem ter querido — Doutor. E Paulo VI, por temperamento e formação, pela íntima colaboração que teve com seus dois ilustres predecessores, é apresentado na síntese feliz de Pastor e Doutor.

Divide o autor seu livro em quatro grandes partes: a primeira, de Pio XII a Paulo VI: a Igreja em transição e *diálogo*; a segunda, João XXIII, Doutor Pastoral: do Concílio à Conciliação; a terceira, Paulo VI, Pastor e Doutor, o continuador de Pio XII a João XXIII; a quarta e conclusão, é talvez a mais teológica e original, na qual o autor traça dois temas: 1. Eucaristia, diálogo e economia social; e 2. Visão cristã do trabalho e Marxismo.

Seja esse livro conhecido, meditado e pôsto em ação no Brasil — são os melhores votos que podemos formular. Quanto a seu autor, continue êle a brindar o público intelectual brasileiro com trabalhos objetivos, que ajudem a conscientização de nossa conjuntura não só social-econômica, mas também em seu profundo aspecto espiritual-teológico. — *Flodoaldo P. Richtmann, S.J.*

DENIS A. GOULET. *Ética do Desenvolvimento*. Tradução de AIDA TAVARES DELORENZO. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1966. 403 págs.

Apesar de aparecer como tradução, a obra foi escrita, em sua última redação, no Brasil, onde o autor a apresentou como tese de doutoramento em Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O autor, cidadão norte-americano, viajou extensivamente, enfeitando em sua tese suas experiências, estudos e pesquisas na África, Espanha, Oriente Médio, França e sobretudo Brasil, o país a que mais se refere no tocante a casos concretos.

A simples aproximação dêsses dois termos do título - - *Ética do Desenvolvimento* — já sugere a originalidade e personalismo com que o autor deseja versar seu tema. E consegue-o, com efeito.

Divide-se o livro em três grandes partes: a primeira, "Filosofia e Desenvolvimento", cujo melhor capítulo é — a nosso ver — o intitulado "O Desenvolvimento em um Mundo Pluralista"; a segunda parte leva por título "Esbôço de uma ética do Desenvolvimento"; e a terceira, "Uma Economia Humana".

Trabalho de valor, merecedor de seu lugar na biblioteca tanto do filósofo como do sociólogo e economista — eis o resumo de nossa crítica positiva. Se tivéssemos de apontar alguma nota negativa, observaríamos apenas o ardor por vêzes um tanto juvenil ao serem tratados certos tópicos do comple-

to problema do desenvolvimento, e o esforço — aliás altamente louvável — do autor em procurar evadir-se de um consciente mas explicitamente não aceito etnocentrismo norte-americano. — F.P.R.

CLÓVIS CALDEIRA. *Menores no Meio Rural*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP, Rio de Janeiro, 1960.

O presente estudo mostra que o problema educacional no meio rural brasileiro é "parte de um problema maior, ligado que está às condições de vida e atividade dos grupos humanos na agricultura".

O autor situa em âmbito internacional a questão do trabalho do menor com suas conseqüências no setor educacional. Estuda, em seguida, a posição do menor em face dos problemas sócio-econômicos das populações rurais, mostrando a influência das limitações legais ao emprego de menores.

Segue-se a parte fundamental do estudo: os resultados do inquérito sobre o trabalho e a escolarização de menores na agricultura, realizado em 140 municípios representativos e abrangendo, inclusive, oito municípios do sul do país, a fim de estabelecer uma comparação entre áreas geográficas diversas e populações de origem estrangeira.

O autor apresenta, finalmente, os resultados de uma pesquisa realizada em Colatina, ES, os quais demonstram a correlação entre um regime de propriedade favorável e melhor escolarização.

CLÓVIS CALDEIRA conclui que, "excepcionalmente, será possível ao menor ajudar a família sem prejuízo de seu comparecimento à es-

cola. Regra geral, todavia, escola e trabalho são incompatíveis". — *Tereza Cristina Nascimento Araujo*.

URSULA ALBERSHEIM. *Uma Comunidade Teuto-Brasileira*. Coleção "O Brasil Provinciano". Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP. Rio de Janeiro, 1962.

Trata-se de estudo sobre uma comunidade do vale do Itajaí, Santa Catarina, tendo como objetivo a análise dos processos de assimilação e integração das populações de origem alemã à sociedade brasileira.

É um levantamento sócio-cultural, com vistas à solução do problema básico colocado pela autora, ou seja, em que medida seria válido considerar a comunidade desenvolvida por êsses imigrantes uma variante da sociedade nacional. Em outras palavras: poderia essa comunidade ser integrante do quadro geral brasileiro?

Paralelamente, a autora apresenta uma análise da rede escolar na área estudada, de maior eficiência que a observada em outras regiões do país.

ALBERSHEIM dedica ainda um capítulo a considerações de natureza metodológica, no qual delimita o objeto da pesquisa e refere as técnicas empregadas. — *T. C.*

HAROLD R. W. BENJAMIN. *A Educação e o Ideal Democrático*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP. Rio de Janeiro, 1960.

Em suas três conferências, reunidas nesse volume, o Professor

BENJAMIN procura evidenciar "a misteriosa coincidência entre o caráter nacional e a escola de cada país". Examina primeiramente a influência de DEWEY sobre a prática educacional, procurando mostrar a importância do movimento liberal e experimental na educação e as contribuições de DEWEY, que teria fornecido as bases ideológicas desse movimento.

A segunda e a terceira conferência tratam do papel da escola pública no Estado democrático. A primeira delas cuida mais propriamente de determinar êsse papel, tendo como problemas centrais a medida de grandeza de uma sociedade e a maneira pela qual o povo se pronunciaria a respeito da sociedade e da escola que gostaria de ter, ou seja, como se processaria o ajustamento da educação ao ideal democrático. Na última o autor preocupa-se sobretudo com a determinação do valor de uma sociedade e de seu sistema educacional, o que se reduz à determinação do caráter democrático desse sistema e dessa sociedade.

Quer-nos parecer que a noção de democracia do conferencista, definida como o regime no qual o povo governa, é insuficiente e vaga demais, como o são, também, suas afirmações acerca de boas e más sociedades, as quais possuem, segundo êle, o desejo de se tornarem melhores ou não, etc. Assim, o Professor BENJAMIN parte de certos pressupostos que tornam as suas conferências, pronunciadas no CBPE e agora publicadas, juntamente com o texto em inglês, pouco válidas como instrumento de análise científica e de ação educacional. — *T. C.*